

“A REALIDADE É MAIS DO QUE ISSO” A Representação Social da Contracultura *Punk* de Vitória da Conquista

Brenda Luara dos Santos de Souza¹
Florence Santos²
Rita Beraguas de Lima³

RESUMO: O *punk* é um movimento político e musical iniciado em torno dos anos 1970, mas na cidade coletada, como no resto do Brasil, foi em torno dos anos 1980. Este artigo tem como objetivo investigar a representação social dos *Punks* de uma cidade do interior da Bahia, e nesse sentido percorreu-se desde as origens do movimento aos fundamentos da Teoria das Representações Sociais propostas por Moscovici. Para isso utilizamos entrevistas individuais com pessoas que compartilham dos ideais deste grupo. Pode-se notar que em geral os ideais do grupo relacionam-se, direta e indiretamente, com a liberdade de opinião, expressão e de “ser você mesmo”.

Palavras-chave: Contracultura; Punk; Movimentos Sociais; Representação Social.

ABSTRACT: Punk is a political and musical movement started around 1970, but in the researched city, as in Brazil, it was around 1980. This article has the goal of investigating the social representation of Punks of the interior of Bahia, in this regard roamed from the origins of the movement to the fundamentals of the Theory of Social Representations by Moscovici. Interviews were conducted with people that share the same ideals of the group. It can be noticed that the ideals of the group relate directly and indirectly with freedom of speech, self expression and “being yourself”.

Keyword: Counter Culture; Punk; Social Movement; Social Representation.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto tem como objetivo dialogar sobre a representação social do punk no cenário contracultural de Vitória da Conquista. O interesse em pesquisar o Movimento *Punk* junto a Teoria das Representações Sociais deve-se a ausência de estudos sobre os movimentos tribais da juventude no âmbito da Psicologia Social. Faz-se necessário ressaltar a importância dessa pesquisa para melhor compreender a razão pela qual os jovens e adolescentes ingressam nesse grupo como forma de protesto, entretenimento e cultura. Está organizado em duas partes, onde a primeira apresentamos nossa metodologia e na segunda dialogamos sobre as representações presentes nas respostas dos participantes com o texto *O Movimento Anarco-Punk: a*

¹ Psicóloga (CRP03/12716), Mestra em Educação, Professora de Psicologia e Produtora Cultural. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas, Violência e Direitos Humanos (NEPP/UESB).

E-mail: brendaluara.academico@gmail.com

² Artista, graduando do Curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista, Bahia. Integra o Movimento Correnteza e realiza pesquisa em História da Arte. E-mail: florencesantos.historia@gmail.com.

³ Psicóloga (CRP03/12185), especialista em Libras pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). E-mail: beraguas@gmail.com

identidade e a autonomia nas produções e nas vivências de uma tribo urbana juvenil, de Vantiê CC de Oliveira.

METODOLOGIA

Os dados do presente estudo foram coletados através de uma pesquisa de campo com dez pessoas atuantes no cenário da contracultura musical do município de Vitória da Conquista, Bahia, através de roteiro semiestruturado de entrevista. As respostas foram analisadas de modo qualitativo, em uma perspectiva exploratória de natureza pura. Desse modo, com vista em compreender qual a representação social do punk de Vitória da Conquista, o *locus* deste estudo forja-se o cenário contracultural da capital do sudoeste baiano. Assim, como critério de inclusão delimitou-se jovens que participam dos espaços de contracultura musical, especialmente que acontecem shows com bandas punks/hardcore e já se apresentaram publicamente.

UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO PUNK DE VITÓRIA DA CONQUISTA

No contexto da representação dos movimentos tribais de juventude a partir de si mesma, recorreremos aos estudos de Oliveira (2008) e Aguiar, Bock e Ozella (2015), pois, apesar de já ser vista como portadora de identidade e culturas próprias, a juventude é vista como um período de transição. Aguiar, Bock e Ozella (2015), ao conceber a subjetividade em uma perspectiva crítica, oportuniza-se dialogar o desenvolvimento humano dentro do movimento histórico de transformação social engendrada como produto mas também produção dos sujeitos. Assim, apesar dos traços biológicos da puberdade, a adolescência se forja nas relações sociais, em respostas às demandas de produção do sistema capitalista, tornando-a um fato social. A juventude não é apenas um “longo período de preparação” em que a criança torna-se adulto, caracterizada por um estado comum de “revolta” podendo ou não transformar-se em um conflito de ordem social (Abramo *apud* Oliveira, p. 19).

Oliveira (2008) vai localizar o Movimento Anarcopunk dentro da pedagogia libertária, marcada por um movimento de formação informal e espontâneo de seus membros. O que materializa concepções anarquistas de negação de uma sociedade hierarquizada, que defende a autogestão descentralizada e generalizada. Em direção a autonomia, com o dever a divergência. Assim, não existe líder nem um modelo de *persona punk*, mas integrantes que se envolvem em menor ou maior grau com a ação coletiva. A tabela abaixo caracteriza as principais representações do grupo de entrevistados sobre o punk:

		Respostas
1	Identificação com o grupo	“Correr atrás do que você acredita (ent. 2)”; “o fato de você ser você mesmo (ent. 3)”; “mostrar o que quer o que pensa (ent. 7)”

2	Requisito para participar do grupo	“Não precisa ter nada, só ser revoltado (ent. 1)”;	“Não precisa ter nada, nem ser nada (ent. 2)”;	“não existe um padrão para ser <i>punk</i> , a pessoa precisa simplesmente se identificar (ent. 3)”;	“Não precisa ter inúmeras qualidades, só precisa ter ideia, opinião própria (ent. 9)”					
3	Principal característica	"A simplicidade do <i>punk</i> (ent. 1)”; “simplicidade musical (ent. 2)”; “A simplicidade musical, a questão visual e estética que vão de um extremo a outro (ent. 4)”								
4	Defeitos	“radicalismo e desunião (ent. 1)”;				“o radicalismo, que é o defeito de qualquer grupo (ent. 2)”;	“contradição de alguns membros do grupo [...] desrespeitos com as outras vertentes (ent. 3)”;	“o defeito são as novas vertentes (ent. 4)”;	“a intolerância (ent. 5)”;	“fortificar as alianças (ent. 7)”
5	Satisfação com o grupo	"me encontrei, algo que mais consegue me representar, encontrei a forma perfeita de me expressar (ent. 3)”;				“me sinto, eu gosto. <i>Punk</i> até a morte (ent. 4).”	“sim, me sinto bem. Vou lutar até morrer, até ficar bem velhinho (ent. 7)”			

De acordo com o primeiro entrevistado, o *punk* é “uma resposta crítica à arte e a música produzida na época”, pois acreditam que foram os *punks* que salvaram o rock do estilo progressivo “*Complicar o rock é matá-lo*”. Por conseguinte, a juventude adere a música *punk* como forma de “vomitar” a “revolta pós-guerra”. A música que era apenas uma resposta artística se transforma em um ideal político e filosófico, uma resposta niilista à realidade.

Para entender mais facilmente os processos de ancoragem e objetivação dentro do grupo *Punk* é preciso verificar, analisar e simplificar os conceitos. Não é fácil transformar palavras não-familiares, ideias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais, para dar feição familiar é necessário pôr em funcionamento estes dois mecanismos baseado na memória e em conclusões passadas. Moscovici (2004) sistematiza tais fundamentos, recorrendo a estes dois processos que são como duas faces de uma mesma moeda pelo qual as representações são criadas.

Verificamos que neste contexto o *punk* e suas representações são um grupo com teor resistente e crítico, que enxerga o mundo e atua no ambiente em que vive. Em sua experiência um dos entrevistados caracteriza a agressividade *punk* como proporcionadora de uma forma crítica de [re]agir; um “filtro” que possibilita enxergar o mundo com uma visão mais consciente. Para Pereira (1992), a contracultura se concretiza como uma estética da juventude, através de diferentes expressões artísticas ainda que com mais peso na música, especialmente no rock. Por contracultura, entende-se “uma cultura marginal, independente do conhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura” (Pereira, 1992, p. 13). Assim percebemos que o conceito de ancoragem, dito por Moscovici, se enquadra nestas questões de rebeldia e revolta presentes a todos participantes do grupo. Temos aí o tornar o não-familiar em familiar. A angústia dos participantes com os problemas da sociedade, faz com que eles se mobilizem em meio a esta não familiaridade e encontrem meios necessários para buscar o familiar.

Objetivação, segundo Jodelet, consiste em uma “operação imaginante e estruturante”, pela qual se dá uma “forma” específica acerca do objeto, tornando concreto, “materializando a palavra” (Sá, 2002, p. 39). Destarte, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia ou ser imprecisos, reproduzir um conceito em uma imagem (Sá, 2002). Com base nestes conceitos, identificamos a Liberdade como objetivada pelo grupo. A ideia de poder fazer o que quiser, de ser o que quiser, de correr atrás do que acredita. A independência, a liberdade de escancarar para as pessoas que existe algo errado que elas precisam enxergar. Surpreendentemente, teorias incomuns, que ninguém levava a sério, passam a ser normais e explicadoras da realidade, algum tempo depois, até mesmo na geração seguinte. Então se reproduzem este conceito de liberdade e com ele tentam preencher as lacunas. A questão da liberdade foi quase que unanimemente identificada e localizada nas falas dos entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linguagem sociológica, só fatos sociais podem explicar fatos sociais. Os ideais desempenham um papel indispensável, principalmente para poderem compreender as dimensões éticas, valorativas e críticas do grupo. Essas dimensões jamais podem ser separadas das ações e por isso a questão do conjunto de ideais do grupo estão presente no processo de formação das Representações Sociais, então observamos que questões como liberdade, rebeldia, agressividade que vem expressa de várias formas, como já foi dito, compõe a ideologia do grupo. Tendo em vista que no processo de formação da Representação Social encontra-se a ancoragem e objetivação.

Durante a entrevista ficou claro o reconhecimento da visão de cunho negativo da sociedade em relação aos *punks* e é tanto aceito quanto desejado por estes. Para eles a sociedade não está preparada para algo que fuja dos padrões pré-estabelecidos, ou seja, vão de contra tudo o que é convencional e aceito pela maioria, então, dessa forma a sociedade torna algo que lhes não é familiar ou cause estranhamento, em algo familiar descrevendo-os como os entrevistados relataram de “um bando de doidos (ent. 4)”, “a sociedade teme a gente (ent. 2)”.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; BOCK, Ana Mercês Bahia; OZELLA, Sergio. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Vantiê Carlos de Carvalho de. *O movimento anarco-punk: a identidade e a autonomia nas produções e nas vivências de uma tribo urbana juvenil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo central das representações sociais*. 2. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.